Trotsky para Gramscianos: apontamentos propositivos para estudos comparativos e intervenção política

Carlos Zacarias F. de Sena Júnior[*]

Nos últimos anos, os legados de Trotsky e Gramsci têm sido revalorizados e revisitados por uma infinidade de intelectuais que, de diferentes lugares e por diferentes motivos, buscam encontrar um esteio teórico para explicarem o mundo contemporâneo, suas crises, guerras e contradições. Muito em função da *débâcle* do "socialismo burocrático" da União Soviética e do Leste Europeu, assim como da falência das teorias explicativas ensejadas por aquela experiência que vicejou em meio à teoria do "socialismo num só país", especialmente na última década autores vinculados ao marxismo revolucionário e à herança terceiro-internacionalista, como ademais Trotsky e Gramsci o foram, têm sido resgatados. Também em função de que os caminhos tático-estratégicos estribados nas vias "foquistas", de "guerra popular prolongada" e de "libertação nacional", de certa forma informados pelo stalinismo, também demonstraram profundas e significativas limitações, levando quase sempre o "marxismo" a o impasse de não ser capaz de apontar um caminho coerente que permitisse à humanidade a superação da sua pré-história com a libertação do homem da exploração capitalista.

Se de um lado o legado de ambos os autores pode ser reivindicado porque não sucumbiu com a falência das experiências stalinista, maoísta e foquista, no plano tático-estratégico, não se pode dizer que a apropriação que se vem fazendo destes marxistas, por correntes políticas e intelectuais diversos, se dê de maneira semelhante. Como se sabe, não obstante a integridade moral e teórica da herança trotskiana, ela continua absolutamente marginalizada, tanto no âmbito acadêmico, quanto político. Enquanto isso, o pensamento de Gramsci viceja plenamente em diversos terrenos, ao tempo em que vem sendo um refúgio seguro para organizações políticas e intelectuais a meio caminho entre o abandono puro e simples do marxismo e a adesão irrestrita à "democracia". Com efeito, associações perfeitamente possíveis e plausíveis entre os pensamentos de Trotsky e Gramsci, que vem sendo bastante praticadas ultimamente, seja na academia ou no seio de várias correntes políticas, quase todas elas trotskistas, ainda provocam a desconfiança daqueles para quem o marxista italiano representava uma "superação dialética" do legado lenineano e terceiro-internacionalista, cuja herança havia sido disputada, com brutal desigualdade de recursos,

[*] Professor de História da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, campus II, Alagoinhas.

materiais ou teóricos, por Stalin e Trotsky. Ao mesmo tempo, permanece uma profunda hesitação e preconceito teórico contra as contribuições do marxista russo e companheiro de Lenin, que por enquanto só encontra guarida nas organizações perfilhadas em torno da bandeira da Quarta Internacional. Portanto, caberia se perguntar qual validade ainda teriam a obra de Trotsky e Gramsci como modos explicativos e instrumentos de ação no mundo contemporâneo? Em que medida o pensamento destes autores poderia ser comparado e reivindicado quanto aos principais temas que envolveram a luta de classes na primeira metade do século XX e que relação eles guardam com o presente? De que maneira tais discussões chegaram ao Brasil e como cada um destes autores foi incorporado e reivindicado pelo movimento operário no país? Por fim, quais as possibilidades comparativas que poderiam ensejar uma intervenção política mais qualificada no seio do movimento revolucionário e socialista brasileiro?

Nosso propósito, nos limites dessa exposição, longe de apresentar respostas prontas às questões levantadas, é tentar compreender de que forma o pensamento de Trotsky e Gramsci podem representar uma alternativa à letargia de um certo "marxismo" que se viu acuado ante a investida da "democracia" e do liberalismo (ou neoliberalismo), no plano político. Pretendemos estabelecer alguns paralelos entre as heranças trotskianas e gramscianas aqui reivindicadas, à luz da experiência histórica e da divulgação da obra dos dois autores sem, contudo, desprezar as particularidades e bifurcações entre as duas tradições que, de maneira desigual, prosseguiram reafirmando o marxismo como o instrumento mais eficiente de interpretação da realidade, e a revolução como caminho único para a consecução do socialismo. Buscaremos, ademais, sugerir linhas de investigação e possibilidades de intervenção contemplando um certo "dialogo" entre estes dois autores e o fatídico destino que os separou.

Embora possamos traçar alguns paralelos e encontrar algumas semelhanças na história da vida desses dois revolucionários, é no legado de cada um deles que se poderão buscar os instrumentos mais eficientes de comparação e os guias mais conseqüentes para a ação. Contudo, porquanto a obra de Trotsky tenha sido o ponto de partida para a construção de uma série de organizações que reivindicaram os postulados do revolucionário russo oferecendo uma espécie de blindagem para a apropriação por parte de teorias estranhas, especialmente as que tiveram origem no stalinismo, a obra de Gramsci não teve a mesma sorte, já que foi justamente a partir da sua apropriação, instrumentalização e difusão pelo stalinismo italiano que o legado do marxista sardo chegou até os nossos dias. De maneira que o fato de que

Trotsky e Gramsci tenham vivido num período de espetacular ascenso do movimento revolucionário mundial (1917-1923), e tenham depois presenciado a vitória da contra-revolução fascista e o limiar da Segunda Guerra Mundial, as respostas que cada um deles deu para essas duas etapas da luta de classes, foi essencialmente diferente. Posto que Trotsky, do exílio, após ser derrotado na luta contra o bloco Stalin/Bukharin na URSS, anunciou o movimento *termidoriano* na União Soviética e a falência da Terceira Internacional, se pondo a construí a Quarta não abdicando nunca da revolução mundial. Enquanto Gramsci, prisioneiro do fascismo italiano, se pôs a construir uma explicação coerente da derrota histórica que tinha sofrido o movimento socialista no mundo, procurando apontar as soluções para a superação do impasse que poderia ter relação com as opções táticas dos revolucionários do início do século, o que terminaria por o levar a construir uma teoria da revolução no *Ocidente*, distinta das formas até então adotadas pelos stalinistas da IC, desde fins dos anos 20.

De certa forma, o fato de que da personalidade e da obra de Trotsky tenham surgido organizações que procuraram dar combate permanente às posições stalinistas que hegemonizaram o movimento comunista mundial, o trotskismo tornou-se quase que impermeável a heterodoxias. Em que pese o fato de que esta corrente tenha se dividido em uma série de organizações pelo mundo, cada uma a seu modo reivindicando a Quarta Internacional, não se pode dizer que o corpo doutrinário trotskiano seja passível de uma apropriação qualquer. De maneira que a validação histórica que os partidários de Trotsky reivindicam para a teoria da *Revolução Permanente*, para a lei do *desenvolvimento desigual e combinado* e para o *Programa de Transição*, essência e matéria-prima da herança trotskiana, todas estas teorias são reivindicadas pelas organizações trotskistas e quase que exclusivamente por estas. De outro lado, o marxismo de Antonio Gramsci por vezes é dividido entre as duas "fases" da vida do revolucionário, que produziu uma quantidade significativa de textos pré-carcerários, quase todos de caráter conjuntural, muito embora muitos deles com validade *fur ewig* ("para sempre", como gostava de adjetivar o próprio autor), e uma obra carcerária que, muito embora não destinada a publicação, é a mais conhecida e valorizada pelos que reivindicam o pensamento do italiano. Apesar de reivindicado por inúmeros intelectuais e muitas correntes do movimento socialista, não se pode dizer que haja "organizações gramsicanas" ou "organizações gramscistas" propriamente ditas, haja vista que seria no plano intelectual e da cultura que a herança gramsciana foi mais plenamente incorporada.

De outro lado, por se prestar a um combate intenso e permanente contra o stalinismo, o trotskismo foi condenado a ser um movimento minoritário na maioria esmagadora dos países,

tanto ante o stalinsimo propriamente dito, estribado na autoridade da Terceira Internacional (depois de Lenin), e dos PCs espalhados pelo mundo, quanto nas formas de organização filo ou pós-stalinistas, "foquistas", "maoístas" etc. Em função disso, talvez com as únicas exceções da França, onde o movimento trotskista alcançou respaldo e alguma penetração acadêmica, e em menor medida da Inglaterra, onde foram publicados vários títulos do revolucionário russo nos anos 70 e 80, através da editora *New Park*, de Londres, a obra de Leon Trotsky foi disseminada pelo mundo graças aos seus seguidores, militantes de organizações trotskistas sob a bandeira da Quarta Internacional, que editaram livros, promoveram traduções, reuniram documentos e escreveram biografias sobre o criador do Exército Vermelho, tanto com o propósito de perpetuar a sua memória, enxovalhada pelas falsificações do stalinismo, quanto pela necessidade de apresentarem alternativas aos dilemas da revolução mundial.[1]

De qualquer forma, os textos de Trotsky foram desde o princípio incorporados ao patrimônio do pensamento marxista revolucionário, ao lado dos fundadores do materialismo histórico, Marx e Engels, do próprio Kautsky, Lenin, Rosa Luxemburgo e tantos outros. Todavia, após a morte de Lenin, em 1924, e da abertura da crise que levaria ao exílio milhares de opositores de Stalin, o pensamento trotskiano foi sendo segregado, ao tempo em que foi sofrendo um dos maiores processos de difamações que se têm notícias na história. Com efeito, a obra de Trotsky que, logo após a Revolução Russa e a fundação do PC no Brasil, em 1922, apareciam no país como sendo análises consistentes do "revolucionário russo" e "companheiro de Lenin", em fins daquela década, conforme se iam desenvolvendo os fatores que levariam a exclusão de Trotsky do movimento comunista internacional, passou a ser considerada "desviante" do leninismo, produto de posições contra-revolucionárias, pequeno-burguesas e fracionistas. Nesse sentido, as primeiras edições da obra de Trotsky entre nós só surgiriam pelas mãos da Liga Comunista, corrente opositora brasileira no interior do PCB, fundada em 1931, perfilhada ao movimento de Oposição trotskista no plano internacional.[2] Esta tendência seria aprofundada com a dissidência no movimento comunista mundial, deflagrada por Trotsky, e seus seguidores, após a proclamação da falência das políticas stalinistas que não tinham conseguido impedir a ascensão do nazismo na Alemanha, em 1933.

---

[1] Cf. Álvaro Bianchi. *Trotsky em português: esboço bibliográfico*. Texto disponível em http://www.e-science.unicamp.br/marxismo/admin/projetos/documentos/documento_562_Trotsky%20Pt.pdf.

[2] Cf. Dainis Karepovs, José Castilho Marques Neto, Michel Lowy. "Trotsky e o Brasil". In: João Quartim de Moraes (org.). *História do marxismo no Brasil. Os influxos teóricos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995, p. 228-230, v. 2.

No Brasil, tal movimento se configurou na formação da Liga Comunista Internacionalista, primeira organização trotskista independente, a quem coube, pioneiramente no país, a preservação e divulgação da herança trotskiana para a posteridade.

Por seu lado, o marxismo de Gramsci passou a ser valorizado na Itália do pós-guerra, quando o dirigente do Partido Comunista daquele país, Palmiro Togliatti, encontrou na obra do comunista da Sardenha algumas importantes categorias para que o movimento comunista pudesse superar o impasse e o paradoxo de ser vitorioso na guerra, sem alcançar o poder na maioria dos países, especialmente nos da Europa, que viveram sob um novo ascenso revolucionário, a partir de 1943. As teses gramscianas quanto à *hegemonia*, *guerra de movimento* e *guerra de posição*, *Oriente e Ocidente*, *Revolução Passiva*, entre outras, desenvolvidas no que viria a ser chamado de *Cadernos do cárcere*, pareciam dar conta da necessidade de renovação do movimento comunista internacional, sem que houvesse, todavia, o reconhecimento dos enormes erros estratégicos que o stalinismo tinha proporcionado aos revolucionários desde fins dos anos 1920 e, principalmente, sem que se precisasse recorrer às teorias de Trotsky como alternativa ao stalinismo. Seria, portanto, através da chamada "operação Gramsci" que as obras carcerárias do prisioneiro de Mussolini seriam editadas na Itália, sob os auspícios da direção do PCd'I, que caminhava a passos largos em direção ao eurocomunismo e a adesão à "democracia", através das teses sobre a "democracia progressiva" de Togliatti.

Desse deslocamento, o movimento comunista, paradoxalmente, ganharia um sopro de vitalidade e renovação através do eurocomunismo, enquanto o stalinismo agonizava, especialmente depois das denúncias dos "crimes de Stalin" contidas no famoso "informe" do líder soviéitco Nikita Kruschev ao XX Congresso do PCUS, em 1956. Com efeito, a "operação Gramsci" italiana teve correlatos em diversos países, inclusive no Brasil, país em que o marxista sardo era conhecido, apenas, através de algumas poucas referências dos anos 30 e 40.[3] Gramsci teria, então, suas primeiras obras publicadas nos anos 60, através da editora Civilização Brasileira, sob a responsabilidade de Carlos Nélson Coutinho, então vinculado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB).[4] Coutinho seguiria o caminho de Togliatti, tanto pelo

---

[3] Cf. Dainis Karepovs. "Gramsci". Carta à *Teoria & Debate*, nº 10, maio de 1990, p. 72.

[4] Sobre a "Operação Gramsci" brasileira, veja-se Carlos Nelson Coutinho. "A recepção de Gramsci no Brasil". In: --------------. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 279-313. Uma crítica a esta operação está em Edmundo Fernandes Dias. "Gramsci no Brasil: o rabo do diabo". In: -------------------. *et al. O outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996, p. 183-191; Carlos Zacarias F. de Sena Jr. "Comentário sobre a leitura de Gramsci no Brasil a partir da obra *Cadernos do cárcere*". In: *Cadernos Cemarx: comunicações do III Colóquio* (no prelo).

tratamento editorial que deu a obra de Gramsci, publicada quase que exclusivamente em seus textos prisionais, quanto pela adesão à “democracia progressiva”, ou a “democracia como valor universal”, que se tornou o título de um dos seus livros, publicado em 1984.[5]

É verdade que o marxismo de Leon Trotsky e de Antonio Gramsci não são a mesma espécie de marxismo, e porquanto tenham sido forjados, a ferro e a fogo, na escola da revolução mundial que ensejou a Revolução Russa, de 1917, e a Terceira Internacional, de 1919, não se pode dizer que os seus legados produziram os mesmos resultados. Como já foi dito, a obra trotskiana continua servindo de suporte para a intervenção política de uma série de organizações revolucionárias, que reivindicam o marxismo de Trotsky como instrumento eficaz para atuação na luta de classes que, inclusive, não desconhece o combate às organizações “traidoras”. De outro lado, o marxismo de Gramsci parece muito mais apropriado para a manutenção do verniz “socialista” de inúmeros intelectuais da academia, isto quando não é utilizado como alternativa ao marxismo revolucionário ou como possibilidades “hegemonistas” à revolução como ruptura violenta e irrupção massiva dos oprimidos. Nesse sentido, não seria descabido se indagar se há de fato alguma possibilidade de se interpretar a obra de Gramsci como parte do legado terceiro-internacionalista e do marxismo revolucionário. Dito de outra forma, que possibilidades a obra de Gramsci oferece às organizações revolucionárias ou, em sentido oposto, que alternativas a herança trotskiana pode oferecer aos gramscianos?

De fato, relacionar autores apropriados de maneiras tão distintas não é tarefa fácil. Ademais, quando uma certa versão de Gramsci já foi popularizada e este passou a ser visto enquanto um “intelectual da cultura”, portador de um “marxismo renovado”, dialeticamente superior àquele que vicejou no início do século sob a bandeira do bolchevismo. O certo é que muitos textos já sugerem aproximações entre estes dois autores, ao mesmo tempo em que questionam a forma como Gramsci vem sendo apropriado por pensadores liberais, como Norberto Bobbio, ou por um certo tipo de “marxismo”, qualificado por Perry Anderson como “marxismo ocidental”, ou o eurocomunismo, na sua versão política mais aceita e popularizada.[6] De qualquer forma este processo, ao que parece, dá indícios de vir crescendo, muito embora, de um lado de do outro, tanto Trotsky continua sendo um quase estranho para os gramscianos, quanto Gramsci é um desconhecido entre os trotskistas. Portanto, identificar

[5] Carlos Nelson Coutinho. *A democracia como valor universal e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
[6] Perry Anderson. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. O próprio Anderson já exercitou uma comparação em “Antinomias de Gramsci”. In: -----------------. *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 13-100.

as possibilidades comparativas e as perspectivas de qualificar a intervenção política a partir da enumeração de pontos comuns na obra dos dois autores, poderá servir para que se superem os impasses da revolução mundial.[7]

De maneira que seria importante, para a nova geração de revolucionários, e porque não dizer, também para a "velha guarda", conhecer as posições que assumiu Grasmci perante a questão da Oposição na Rússia, especialmente no que tange à teoria da *Revolução Permanente*, de Trotsky, foco das principais tensões e dos mais virulentos ataques sofridos pelo revolucionário russo no curso dos debates com a facção de Stalin. Nesse sentido, foi em 1924, já no curso da disputa entre a Oposição de Esquerda e a facção de Stalin/Bukharin, na URSS, que Gramsci se manifestou através carta aos seus companheiros de PCI, "Togliatti, Scoccimaro e outros", sobre a questão:

> "Sabe-se também que, em novembro de 1917 enquanto Lenin e a maioria do Partido aderiram a concepção de Trotski e passaram a ter como objetivo assumir o controle não só do governo político mas também do governo industrial, Zinoviev e Kamenev continuaram a reivindicar a posição tradicional do Partido, defendendo o governo de coalizão revolucionária com os mencheviques e com os socialistas-revolucionários; por isso, saíram do Comitê Central do Partido, publicaram artigos e declarações em jornais não bolcheviques e por pouco não chegaram à cisão [...] Na recente polêmica ocorrida na Rússia, revela-se como Trotski e a oposição em geral, tendo em vista a ausência prolongada de Lenin da direção do Partido, preocupam-se fortemente com um retorno à velha mentalidade, que seria deletéria para a revolução. Exigindo uma maior intervenção do elemento operário na vida do Partido e uma diminuição dos poderes da burocracia, eles pretendem, no fundo, assegurar à revolução o seu caráter socialista e operário e impedir que se chegue lentamente àquela ditadura democrática, invólucro de um capitalismo em desenvolvimento, que era o programa de Zinoviev e seus companheiros ainda em novembro de 1917".[8]

Fica patente a preocupação do revolucionário italiano quanto aos desdobramentos dos combates na URSS, da mesma forma como está clara a sua posição favorável a Trotsky, muito embora sem lhe declarar apoio explícito. Sabe-se que em 1924 o combate ao "trotskismo", e sua diferenciação ante o "leninismo", apenas se iniciava, de maneira que seriam poucos os que refutariam as teses trotskianas quanto à *Revolução Permanente*, elaboradas no curso dos acontecimentos que abalaram as estruturas do poder tzarista, em 1905, e que teriam tido a adesão de Lenin, em 1917, através das chamadas "Teses de abril". Entrementes, enquanto Gramsci se posicionava ao lado das posições de Trotsky e da *Revolução Permanente*,

[7] Alguns exercícios de comparação poderão ser encontrados em Roberto Massari. "Gramsci e Trotski". In. Dias. *Et. al. Op. cit.* p. 123-166; Carlos Zacarias de Sena Jr. "Gramsci: mais um antitrotskista?". *Outubro. Revista do Instituto de Estudos Socialistas*, nº 10, p. 49-68, 1º semestre de 2004; Emilio Albamonte, Manolo Romano. "Trotsky y Gramsci. Convergencias e divergencias" e "Revolución permanente y guerra de posiciones: la teoría de la revolución en Trotsky e Gramsci". *Estrategia internacional*, nº 19, p. 23-34, p. 35-40, enero 2003.
[8] Antonio Gramsci. *Escritos políticos. 1921-1926*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 173-174.

iniciava-se na URSS o mais espetacular processo de falsificações e difamações em torno do líder revolucionário russo. De maneira que em 19 de novembro de 1924, num discurso pronunciado num “Pleno do grupo comunista do Conselho Central dos Sindicatos da União Soviética”, Stalin assim se manifestaria sobre o “trotskismo”, “uma ideologia peculiar, incompatível com o leninismo”:[9] (p. 33)

> “O trotskismo é a teoria da revolução ‘permanente’ (initerrupta). E que é a revolução permanente, tal como a entende Trotski? É a revolução que não leva em conta os camponeses pobres como força revolucionária. A revolução permanente de Trotski significa, como disse Lênin, ‘passar por cima’ do movimento camponês, ‘bricar com a tomada do Poder’. Por que é perigosa essa revolução? Porque a tentativa para levá-la a cabo desembocaria num fracasso inevitável, pois afastaria do proletariado russo o seu aliado, isto é, os camponeses pobres. *Justamente isso explica a luta que o leninismo sustenta contra o trotskismo desde 1905*”.[10] [grifos nossos]

Como se vê, a forma como Stalin passaria a se utilizar de Lenin, e do “leninismo”, contra Trotsky e o “trotskismo”, se daria a partir de um processo de intrumentalização inaudito, que utilizaria os diversos embates entre os dois revolucionários, ocorridos no curso de muitos anos, para demonstrar a incompatibilidade dos postulados trotskianos em relação ao arcabouço programático do “leninismo”, que começava a ser erigido como doutrina oficial do Estado soviético pelo stalinismo.

De maneira que depois de 1924, a posição de Gramsci viria a se modificar, tanto em função de que as atenções do comunista italiano, após as espetaculares jornadas conselhistas do “biênio vermelho”, de 1919-1921, iriam se voltar para a questão nacional e o *mezzagiorno* camponês italiano, quanto pela passagem de Amadeo Bordiga para o terreno da Oposição internacional. Este último acontecimento, em especial, impediria que Gramsci continuasse a sustentar as posições mais próximas de Trotsky, em função de que na Itália se expressasse, desde muito cedo, uma oposição quase que permanente entre o maximalismo abstencionista de Bordiga e o marxismo gramsciano, ambos em disputa pela primazia no aparelho do PCd’I.[11]

Com efeito, não há surpresa quando as posturas gramscianas se inflexionaram quanto à *Revolução Permanente* a partir do seu encarceramento pelo fascismo, em 1926. Da mesma maneira, sob o ponto de vista tático-estratégico, não é de se estanhar que a saudação à *frente*

---

[9] Josif Stálin. “Trotskismo ou leninismo”. In. -----------------------. *Em defesa do socialismo científico: polêmica com Trotski, Bukarin e anarquistas*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1990, p. 33.

[10] *Ibidem*. p. 50. Contra esta acusação, e outras tantas, Trotsky, que levaria sua vida combatendo as falsificações do stalisnismo, dedicaria duas obras (disponíveis em português) em sua defesa: *A revolução permanente*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1979; *A revolução desfigurada. A falsificação estalinista da História*. Lisboa: Antídoto, 1977.

[11] Massari. In: Dias. *et. al. Op. cit*. p. 140-141.

única feita por Gramsci, em passagem famosa nos *Cadernos*, desconheça a contribuição de Trotsky no processo de elaboração daquela tática que, desde 1921, vinha sendo defendida pelo revolucionário russo, inicialmente diante da iminente derrota da revolução mundial e, posteriormente, perante o avanço da contra-revolução nazi-fascista, principalmente na Itália e na Alemanha.[12] De todo modo, os caminhos de Gramsci e Trotsky jamais se encontrariam desde a prisão do comunista sardo e o exílio do revolucionário russo, de maneira que qualquer exercício de comparação terá, antes de tudo, que limpar o terreno edificado por uma espécie de "operação" de descontextualização da produção carcerária gramsciana, expressão de uma derrota não apenas pessoal, mas fundamentalmente política frente ao fascismo e aos próprios caminhos do PCd'I. De outro lado, o próprio stalinismo, e seu sucessor italiano, o eurocomunismo, se encarregaram de produzir a versão quanto à incompatibilidade entre Gramsci e Trotsky, da mesma forma que o leninismo apareceria como anteposto do trotskismo.[13] Dessa maneira, qualquer exercício de comparação deverá ter por meta primeira o propósito de uma análise isenta, até onde for possível, da obra dos dois autores que continuam sendo absolutamente atuais nas suas proposições frente aos problemas ora enfrentados pelo movimento socialista contemporâneo.

É verdade que o legado trotskiano e gramsciano sobreviveram a toda espécie de capitulação e transformismo, de resto vivenciados por boa parte das correntes, e do próprio pensamento, que pretenderam atribuir valor universal à teoria do "socialismo num só país" ou mesmo à "democracia", conforme se observa ultimamente em voga. Em que pese o fato de que a experiência brasileira e latino-americana com a "democracia" seja ainda muito recente, e de que alguns "marxistas" insistam em reivindicá-la como patrimônio universal da humanidade, não podemos asseverar que esta, em sua forma burguesa, tenha passado incólume pela prova da história que, ao seu modo e tempo, fez sucumbir o postulado do "socialismo num só país" e a maioria esmagadora dos regimes que a adotaram. Consideramos que tais teorias tivessem sido utilizadas largamente contra os projetos revolucionários e internacionalistas, presentes na obra teórica e na herança política de Trotsky e Gramsci, hoje resgatadas como absolutamente atuais na explicação do presente e na proposição do futuro. De todo modo, a "democracia" ainda viceja como bandeira para muitos movimentos originados no marxismo que não romperam com a noção etapista de revolução ou que

---

[12] Antonio Gramsci. *Cadernos do cárcere. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 261-262. L. Trotsky. "On the united front". In: ------------------. *The first five years of the Communist International.* Texto disponível em http://www.marxists.org/archive/trotsky/works/1924/ffyci-2/08.htm

[13] Cf. Sena Jr. "Gramsci: mais um antitrotskista?". *Op. cit.* p. 51-57.

adotaram as teses “hegemonistas” como antepostas ao legado terceiro-internacionalista. Enquanto isso, as recentes sublevações contra governos “democraticamente eleitos” na América Latina, e a resistência à implantação desse tipo de sistema no Oriente Médio, continuam sendo a prova de fogo da história para este regime. Por conseguinte, seria principalmente à luz das questões contemporâneas que a época de transição coloca para o movimento socialista mundial, especialmente quanto ao tema da “democracia” e da revolução, que a obra de Trotsky e Gramsci poderão ser avaliadas.